

Especificidades e (des)reconhecimento estrutural: caminhos demarcados do trabalho feminino no campo da comunicação¹

Isabelle do Pilar MENDES²
Júlia Rocha Paz³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

Resumo

A presente pesquisa faz parte do projeto *Ser mulher e pesquisadora no campo da comunicação: entre papéis sociais e desigualdades na esfera do trabalho e da produtividade acadêmica* (UFSM/UFRGS), no qual coletamos dados e realizamos análises sobre as formas de operação das desigualdades de gênero no subcampo científico da Comunicação. O recorte que trazemos aqui intersecciona a quantidade de docentes mulheres, nos 44 PPGs com nota superior a 5 conforme a avaliação quadrienal da CAPES, ao número de bolsistas PQ. Com isso, a partir da coleta realizada, percebemos que a porcentagem de número de bolsistas mulheres tem diminuído nos últimos anos. Além disso, quanto mais elevado o nível da bolsa, maior a discrepância dos números e, por conseguinte, a desigualdade de gênero.

Palavras-chave: Comunicação; pesquisa científica; parâmetros de avaliação; gênero; trabalho.

1 Considerações iniciais

Para Wottrich e Oliveira-Cruz (2022), coordenadoras do projeto de pesquisa *Ser mulher⁴ e pesquisadora no campo da comunicação*, do qual fazemos parte, o ganho e a manutenção de Bolsas de Produtividade do CNPq costumam ser associados a trajetórias sólidas e a contribuição para com a construção do conhecimento, e não ao gênero. Entretanto, o que analisamos a partir da quantidade de docentes do campo relacionada a quantidade de pesquisadoras abonadas com bolsas, é que na prática as contas não fecham.

Por esse motivo, buscamos refletir acerca de mecanismos através dos quais a desigualdade de gênero opera no campo da Comunicação. Nesse sentido, tomamos como pressuposto a proposta de Scott (2017, p. 86), para quem o gênero é entendido como “elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e trabalho, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS), Brasil. Contato: isa.pmenDES2@gmail.com

³ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM/UFSM), Brasil. Bolsista CAPES/DS. Contato: rp_julia@hotmail.com

⁴ Com mulher nos referimos a todxs que se identificam enquanto mulher.

sexos”. Assim, nossa pesquisa combina mapeamento quantitativo a uma análise qualitativa atenta às questões de gênero.

2 Análise dos dados

O número de mulheres que são professoras nos 44 PPGS de Comunicação mais bem avaliados pela CAPES em 2024, descontando os dados Fundação Cásper Líbero (FCL), que não estão disponíveis na plataforma a partir da qual coletamos os dados (Sucupira), é um tanto maior: são 386 mulheres e 344 homens; porém, entre os bolsistas dos maiores níveis de Produtividade em Pesquisa (PQ-1A e PQ-SR), as mulheres são minoria.

O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) é uma entidade de incentivo à pesquisa no Brasil que lança editais anuais para bolsas de Produtividade em Pesquisa (PQ). Segundo a Chamada Nº 18/2024 (Brasil, 2024), as bolsas PQ destinam-se a “pesquisadores que se destaquem entre seus pares”, enquanto as PQ-Sênior (PQ-SR) são voltadas a quem se destaca como “líder e paradigma” em sua área. Dentre as bolsas PQ, existem 6 níveis hierárquicos: PQ-SR (mais alto), PQ-1A, PQ-1B, PQ-1C, PQ-1D e PQ-2 (mais baixo).

No que diz respeito ao mapeamento de bolsistas PQ, os dados dos últimos anos revelam que a situação permanece desigual. Em 2022, havia 136 bolsistas: 67 deles mulheres (49,26%). No nível PQ-1A, 9 bolsistas, sendo 2 mulheres (22%). O único PQ-SR era homem. No ano seguinte, em 2023, havia 174 bolsistas: 84 mulheres (48,27%). No PQ-1A, 8 bolsistas (2 mulheres, 25%); no PQ-SR, 4 bolsistas (1 mulher, 25%).

Em 2025, de 178 bolsistas, 82 são mulheres (46,06%). No PQ-1A, há 8 bolsistas (2 mulheres, 25%) e no PQ-SR, 4 (1 mulher, 25%). Com isso, podemos observar que, ainda que o campo comunicacional (a partir do que observamos nos PPGs mais bem avaliados) seja composto majoritariamente por mulheres, a participação (em %) de bolsistas mulheres vem caindo, e a desigualdade cresce nos níveis mais altos.

Para Bourdieu (1997), o campo é um ecossistema que segue leis próprias e leis sociais. O que vemos na comunicação é um campo estagnado por desigualdades tradicionais. Conforme explica Rago (2004), a ciência se expressa por um gênero opressor, representado no status consolidado pelas bolsas. O (des)reconhecimento do trabalho feminino, refletido em menor produção publicada, é um fenômeno social que buscamos enfrentar.

3 Considerações finais

Vivemos em um contexto no qual mulheres são responsáveis por terem que dividir o seu tempo com trabalhos afetivos, domésticos e por terem que assumir atividades que organizam e possibilitam o desenvolvimento do trabalho acadêmico, consideradas *atividades meio* (Wottrich; Oliveira-Cruz, 2022). Contudo, estas não são ou são pouco consideradas pelos critérios de avaliação estabelecidos pela CAPES (Paz et al., 2024).

Se a lei da práxis nos é desfavorável, cabe reconfigurá-la para construirmos um campo mais inclusivo, atento a saberes e necessidades locais e capaz de enfrentar a rigidez estrutural e avaliativa. Um olhar situado pode fundar uma ética feminista (Montiel, 2011), que traga ao debate público questões das minorias, rompendo o silêncio imposto pelo medo e pela falta de apoio institucional.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- BRASIL. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Chamada **CNPq N° 18/2024**: bolsas de produtividade em pesquisa. Brasília: CNPq, 2024. Disponível em: [http://memoria2.cnpq.br/web/guest/chamadas-publicas?p_p_id=resultadosportlet_WAR_resultadoscnpqportlet_INSTANCE_0ZaM&filtro=abertas&detalha=chamadaDivulgada&idDivulgacao=12605#:~:text=Concess%C3%A3o%20de%20bolsas%20nas%20seguintes,S%C3%AAAnior%20\(PQ%2DSr\)](http://memoria2.cnpq.br/web/guest/chamadas-publicas?p_p_id=resultadosportlet_WAR_resultadoscnpqportlet_INSTANCE_0ZaM&filtro=abertas&detalha=chamadaDivulgada&idDivulgacao=12605#:~:text=Concess%C3%A3o%20de%20bolsas%20nas%20seguintes,S%C3%AAAnior%20(PQ%2DSr).). Acesso em: jun. 2025.
- MONTIEL, Aimée Vega. Ética feminista e comunicação. **Comunicação & Informação**, v. 14, n. 2, p. 3-18, 2011.
- OLIVEIRA-CRUZ, Milena Freire de; WOTTRICH, Laura. DESDOBRÁVEIS: O olhar das pesquisadoras sobre as dinâmicas desiguais de gênero no campo científico da Comunicação. In: Encontro Anual da Compós, v. 31, 2022, São Paulo. **Anais...** São Paulo: PUC-SP, 2022. p. 1-21.
- RAGO, Margareth. Feminismo e subjetividade em tempos pós-modernos. In: COSTA, Claudia Lima; SCHMIDT, Simone Pereira (org.). **Poéticas e políticas feministas**. Florianópolis, 2004.
- PAZ, Júlia Rocha; SCARRONE, Camila; CARNEIRO, Thainá Gremes; WOTTRICH, Laura; OLIVEIRA-CRUZ, Milena Freire de. Comunicação, gênero e desigualdades: uma reflexão acerca dos parâmetros de avaliação científica para o campo. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2024.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Educação & Realidade, vol. 20, n. 2, 2017.